

EDWARD SAID: ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA E A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA¹

*Alarcon Agra do Ó*²

“(...) os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos.”

Italo Calvino

“Mas toda apresentação rápida de Said é parcialmente falsa.”

Leyla Perrone-Moisés

*Cultura e Imperialismo*³ remete, desde a primeira frase de sua Introdução, ao livro mais famoso de Said, o *Orientalismo*⁴. Os caminhos da preparação do livro mais antigo haviam suscitado em Said “idéias sobre a relação geral entre cultura e império”, as quais acabariam por ser, ao longo dos anos, elaboradas em algumas conferências, ministradas em meados dos anos 1980, nos EUA, Canadá e Inglaterra. Essas conferências tiveram o papel de dar espaço à transformação daquelas idéias, até então apenas sugeridas, num campo de investigação e de reflexão. Por outro lado, diz Said, as teses propostas no *Orientalismo* foram apropriadas por “estudos de antropologia, história e disciplinas de áreas específicas”, de sorte a que ele se viu estimulado a “ampliar a argumentação do livro anterior, de modo a descrever um modelo mais geral de relações entre o Ocidente metropolitano moderno e seus territórios ultramarinos”⁵.

Said estabelece então, com o seu livro célebre, um diálogo que é ao mesmo tempo de afirmação, ampliação e problematização. Ele parte de questões já enunciadas, experimenta o seu funcionamento no estudo de contextos mais dilatados, e, desse modo, põe à prova argumentos com os quais trabalha, e a partir dos quais construiu, para si, um lugar de destaque na cena cultural contemporânea. A primeira questão que ele levanta, acerca disso, diz respeito a

¹ Este texto consiste no material de apoio para uma discussão acerca da obra de Edward Said, realizada em algumas sessões da disciplina “Tópicos em Teoria da História”, ministrada pelos professores doutores Durval Muniz de Albuquerque Junior e Regina Beatriz Guimarães Neto, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, durante o 2º semestre letivo de 2004.

² Professor Assistente na área de Teoria e Metodologia da História da Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

³ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 11.

uma ampliação geográfica do objeto dos seus textos, no sentido de que eles vão se voltar para áreas que não são o Oriente Médio: ele escreve, então, acerca de “*textos europeus sobre a África, a Índia, partes do Extremo Oriente, Austrália e Caribe*”. Importa lembrar, entretanto, que desde o *Orientalismo* Said já havia deslocado, no que toca à análise levada a efeito nas suas obras, o sentido do recorte geográfico. Quando ele aponta, portanto, para uma ampliação do seu horizonte para além das fronteiras do Oriente Médio, é preciso que o leitor esteja atento para não cair no precipício da naturalização. O Oriente Médio, diria Said, não é um lugar inscrito apenas no chão, nas areias e no sol, ainda que essa base material seja importante para demarcar suas fronteiras; mais que isso, o Oriente Médio é a forma como certa áreas do planeta e certas experiências históricas foram nomeadas e classificadas, e mais importante do que apreender os seus limites num mapa na parede é entender a lógica que organiza aquela repartição singular⁶.

E é a isso que ele diz se dedicar, na sua reflexão acerca das relações entre cultura e imperialismo. Ele quer considerar “*esses discursos africanistas e indianistas, como foram chamados, parte integrante da tentativa européia geral de dominar povos e terras distantes, e portanto relacionados com as descrições orientalistas do mundo islâmico, bem como com as maneiras específicas pelas quais a Europa representa o Caribe, a Irlanda e o Extremo Oriente*”. Interessa-lhe pensar, nas suas fontes, o que as sustenta enquanto textos, ou seja, a sua organização retórica - e o que nela está enredado. Assim, Said procura ressaltar, nas suas análises, como textos são tramados a partir de enunciações aparentemente apenas literárias - no sentido de referentes apenas ao mundo imaginativo e expressivo do escritor -, mas que estão comprometidas com a invenção de mundos e de possibilidades de entendimento e de comunicação desses mundos. Por exemplo, Said menciona as referências ao mistério do Oriente, ou os estereótipos que são produzidos para certos grupos humanos (africanos, indianos, chineses etc.), ou mesmo “*as idéias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos*”, pelas quais seriam justificados os castigos dos mal comportados, a violência contra o outro que não somos “*nós*”⁷.

Já aqui Said faz ver algo da forma como seu trabalho é realizado. Ele embaralha as fronteiras entre a produção cultural e a dinâmica política, recusando (por exemplo) um certo caráter neutro e a-histórico da literatura. A seu ver, a construção do texto é dotada de uma espessura política da qual não se pode fugir. A escolha de imagens para a descrição dos ambientes em que as histórias ocorrem, ou a definição dos tipos dos personagens, tudo se faz a partir do acionamento de uma série singular de possibilidades do dizer, e o que é dito, imediatamente, lança-se ao mundo como uma máquina de significação. Nesse sentido, para Said, a literatura não é outra coisa a não ser a política se realizando enquanto textualidade, enquanto fabulação interessada do mundo. A ampliação do seu recorte geográfico se justifica, por sua vez, pelo fato de que as narrativas que são analisadas por Said, e que se voltam, por exemplo, para o Caribe, repercutem estruturas narrativas, ou enquadramentos imagéticos que funcionam também orientalizando, ou seja,

⁶ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 11.

⁷ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 11-12.

recortando limites para a experiência à qual se referem, dobrando-a a uma lógica, que é a da supremacia dos valores (que são construídos como) ocidentais sobre o mundo⁸.

Importa a Said, por outro lado, a resistência que é encontrada pelo homem branco no mundo que ele sonha submeter. Said ressalta, inclusive, que no seu *Orientalismo* não foi trabalhada “a reação ao domínio ocidental que culminou no grande movimento de descolonização em todo o Terceiro Mundo”. Seria importante, portanto, destacar não apenas as iniciativas armadas de recusa à dominação ocidental, mas, também, o que foi feito no âmbito da “resistência cultural”, a qual se deu em grande medida “com a afirmação de identidades nacionalistas”, e o que foi possível no “âmbito político, com a criação de associações e partidos com o objetivo comum da autodeterminação e da independência nacional”. Não se pode pensar o “contrato imperial”, diz Said, sem que seja reservado um espaço na reflexão para as práticas históricas pelas quais foi impossível a “relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo” - o que seria o desejado pela ação e pela imaginação européias. Como diz o próprio Said, “sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando”⁹.

São, portanto, dois grandes eixos, o que Said apresenta como sendo os temas do seu estudo em *Cultura e Imperialismo*; “um modelo geral de cultura imperial em âmbito planetário e uma experiência histórica de resistência contra o império”. A exploração desses dois fluxos, entrelaçados, faz com que os seus dois livros (*Orientalismo* e *Cultura e Imperialismo*) possam ser pensados não como uma continuidade, mas como dois momentos singulares de problematização de elementos cruciais para o entendimento do mundo contemporâneo. Cada um deles tem a sua mirada, o seu ângulo preferencial, e, por conseguinte, os seus efeitos¹⁰.

Para apresentar com mais cuidado o seu estudo, Said se propõe, antes de mais nada, a demarcar as fronteiras da idéia de cultura com a qual ele trabalha. Isso é fundamental, é preciso ressaltar, na medida em que será a partir da delimitação desse campo (entre outros procedimentos, é claro) que será possível compor o corpus a que se vai dedicar à análise¹¹.

Numa primeira direção, a cultura se refere à “todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos”. Essa forma de pensar a cultura implica, como se pode imaginar, em se estabelecer uma rede ampliada de pertencimentos; daí, podem ser pensadas como sendo do âmbito da cultura “tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a

⁸ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 11-12.

⁹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 12.

¹⁰ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 12.

¹¹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 12.

sociologia e a história literária”. Composta a moldura mais ampla, dentro da qual Said consegue inserir um grande número de práticas culturais diversificadas, cumpre-lhe realizar ainda mais um recorte. Ele procura considerar a questão a que se dedica, realçando as condições de possibilidade de sua formulação e de seu enfrentamento - para, a partir daí focar a sua atenção na forma cultural que lhe pareça mais significativa. Para ser mais específico: na medida em que o estudo de Said, nesse momento, “*concentra-se nos impérios ocidentais modernos dos séculos XIX e XX*”, ele procura analisar, sobretudo, “*formas culturais, como o romance*”, que ele julga “*terem sido de enorme importância na formação das atitudes, referências e experiências imperiais*”. O romance, diz Said, foi mais que simplesmente importante naquele instante; ele é considerado, aqui como “*o objeto estético cujas ligações com as sociedades em expansão da Inglaterra e da França são particularmente interessantes como tema de estudo*”. Ele cita, para dar um exemplo, *Robinson Crusoe*, que é ao mesmo tempo o “*protótipo do romance realista moderno*” e, “*não por acaso*”, uma narrativa que “*trata de um europeu que cria um feudo para si mesmo numa distante ilha não européia*”¹².

O modo como Said vai se dirigir a esses textos, no movimento do seu estudo, a seu ver, se distancia dos ritos da “*crítica recente*”, na medida em que esta “*tem se concentrado bastante na narrativa de ficção, mas pouquíssima atenção se presta a seu lugar na história e no mundo do império*”. É contra essa demarcação rígida de barreiras entre o exame dos textos literários e a possibilidade de uma investigação e de uma reflexão sobre a sua espessura histórica que Said se insurge. Para ele, a crítica textual é um humanismo, na medida em que o que ela coloca em questão não são apenas os textos, mas sim o drama da sua historicidade. História e literatura se misturam, na análise de Said, na medida em que, a seu ver, a narrativa é o solo comum em que os homens pensam a si e ao seu mundo, e expressam isso. Narrar, para Said, é o procedimento humano por excelência, e sua tese básica, nesse estudo sobre cultura e imperialismo, é a de que “*as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo*”. As histórias são, além disso, “*o método usado pelos povos colonizados para firmar sua identidade e a existência de uma história própria deles*”. É contando que os homens existem; e para entender a sua existência, é preciso observar as suas histórias, seus modos, seu estilo, suas tramas, seus personagens, sua ética¹³.

Said não deixa de ressaltar as dimensões materiais da dominação imperialista; como ele indica, o que se disputava nas relações entre os colonizadores e os colonizados é a terra, na mais ampla acepção do termo; “*mas*”, diz ele, “*quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem agora planeja seu futuro - essas questões foram pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa*”. O que vemos, o que sentimos, onde estamos imagetivamente - tudo é narrado, diz Said. Tudo é uma narrativa. As relações humanas podem ser pensadas, assim,

¹² SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 12.

¹³ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 13.

como a sucessão, o entrelaçamento e o entrechoque de narrativas, cada voz implicando no trabalho sobre outras vozes, muitas vezes até mesmo no seu silenciamento. A cultura e o imperialismo, enfim, têm nas narrativas uma de suas mais importantes conexões, sejam as narrativas comprometidas com a manutenção da lógica imperial ou com a sua crítica e superação¹⁴.

Numa segunda direção, para Said, *“quase imperceptivelmente, a cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento”*. Nesse sentido, a cultura é aquilo que *“mitiga, se é que não neutraliza por completo, a devastação de uma vida urbana moderna, agressiva, mercantil, embrutecedora”*. Quem lê Dante ou Shakespeare, por exemplo, busca a partir daí *“acompanhar o melhor do pensamento e do saber, e também para ver a si mesma, a seu povo, sua sociedade, suas tradições sob as melhores luzes”*. Esse tecido elaborado de forma erudita acaba por se associar, *“muitas vezes de forma agressiva, à nação ou ao Estado; isso ‘nos’ diferencia ‘deles’, quase sempre com algum grau de xenofobia”*. Said, nesse momento, relaciona a construção de identidades com a existência dessa cultura superior, com os seus vínculos com a nacionalidade ou com o Estado. E, aí, duas questões são colocadas: por um lado, é preciso considerar que as potências imperiais e os povos dominados podem, cada um ao seu modo, executar o mesmo gesto, formando cada um para si um cânone que exclui, pela sua mera demarcação, o outro, tomando-o como inferior, como o que desconhece o que realmente é válido culturalmente. Por outro lado, Said aponta para a importância do estudo desses mecanismos, pela sua riqueza própria, mas também pelas implicações que deles decorrem. A valorização de um corpus canônico leva, diz Said, a alguns *“retornos”* a uma cultura e a uma tradição, as quais são construídas de forma mitificada, e junto das quais se postam *“códigos rigorosos de conduta intelectual e moral, que se opõem à permissividade associada a filosofias relativamente liberais como o multiculturalismo e o hibridismo. No antigo mundo colonial, esses ‘retornos’ geraram vários fundamentalismos religiosos e nacionalistas”*¹⁵.

Said insiste em destacar o quanto esse segundo conjunto de sentidos possíveis para a cultura implica em pensá-la como *“uma espécie de teatro em que várias causas políticas e ideológicas se empenham mutuamente”*. Mais uma vez, ele encontra uma brecha para fazer entrar, no mundo das práticas culturais, a política, afirmando que: *“Longe de ser um plácido reino de refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si”*, e, por exemplo, dos estudantes que são chamados, em contextos específicos da história de seus povos, à leitura de *“seus clássicos nacionais antes de lerem os outros, espera-se que amem e pertençam de maneira leal, e muitas vezes acrítica, às suas nações e tradições, enquanto denigrem e combatem as demais”*¹⁶.

Do ponto de vista de quem pensa cultura e política como tensões entrelaçadas da experiência histórica dos sujeitos e dos povos, que é o de Said, essa segunda

¹⁴ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 13.

¹⁵ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 13.

¹⁶ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 14.

versão da cultura apresenta uma dimensão que ele aponta como problemática: por ela, faz-se com que *“a pessoa não só venere sua cultura, mas também a veja como que divorciada, pois transcendente, do mundo cotidiano”*. E, no movimento de exploração dessa idéia, Said indica ao leitor como constrói para si um lugar como humanista que, no entanto, diverge do que é habitado por muitos *“humanistas de profissão”*. Esses, numa postura da qual Said se distancia, são *“incapazes de estabelecer a conexão entre, de um lado, a longa e sórdida crueldade de práticas como a escravidão, a opressão racial e colonialista, o domínio imperial e, de outro, a poesia, a ficção e a filosofia da sociedade que adota tais práticas”*. É interessante, nesse ponto do seu texto, como Said relata ter enfrentado, no seu estudo, algumas *“difíceis verdades”*, entre as quais a de que foram raros os artistas ingleses ou franceses, dos que ele admira, que *“questionaram a noção de raça ‘submissa’ ou ‘inferior’, tão dominante entre funcionários que colocavam essas idéias em prática, como coisa evidente, ao governarem a Índia ou a Argélia”*. Said quer fazer entender, justamente, que aquelas idéias eram *“amplamente aceitas, e ajudaram a propiciar a aquisição imperial de territórios na África ao longo de todo o século XIX”*. E, mais, que elas fazem parte da dizibilidade de um sem número de obras literárias, as quais são, comumente, objeto de uma crítica literária, da qual Said se afasta, que é incapaz de pensar as idéias dos escritores acerca da expansão colonial como algo que é do campo da cultura, do campo da própria composição literária¹⁷.

O presente vivido, ou seja, a trama histórica na qual ele próprio compôs a sua trajetória como pessoa e como pensador da literatura, invade nesse ponto o texto de Said. Ele se diz incomodado com essa concepção de cultura, pela qual a política precisava ser deixada de fora, para além das margens do que se está estudando. Ele se diz como *“alguém que passou toda sua vida profissional ensinando literatura, mas que também se criou no mundo colonial anterior à Segunda Guerra Mundial”*, e, graças a isso, era-lhe desafiador pensar a cultura como entranhada nas *“suas filiações mundanas”*. Daí, é o que se pode depreender do texto de Said, ele construiu um dispositivo analítico que ultrapassa o campo da análise literária, ainda que o amplie e enriqueça, e caminha no sentido de transformar a prática do saber numa prática de si. É a sua relação com a literatura que está em questão, ele sendo aí leitor e profissional da análise literária - mas, também, o que está em questão é a sua própria invenção de si, é a possibilidade da invenção de uma outra narrativa sobre si próprio, que o desloque dos lugares comuns e o lance na surpresa do inesperado. É a isso que ele se refere, quando diz que sua prática analítica se faz a partir da consideração dos romances, e dos demais livros estudados, *“como objetos de análise porque, em primeiro lugar, eu os considero obras de arte e de conhecimento respeitáveis e admiráveis, que proporcionam prazer e são proveitosos para mim e para muitos outros leitores”*. Mas, para além disso, há um desafio em *“relacioná-los não só com esse prazer e esse proveito, mas também com o processo imperial de que fazem parte de maneira explícita e inequívoca”*. E, aí, o que cumpre fazer, insiste Said, não é *“condenar ou ignorar sua participação no que era uma realidade incontestável em suas sociedades”*; o que ele deseja fazer é sugerir *“que o que aprendemos sobre esse aspecto, até agora ignorado, na verdade aprofunda nossa*

¹⁷ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 14.

leitura e nossa compreensão dessas obras”. Ou seja: ele faz emergir de sua investigação uma nova leitura, e um novo leitor. E, porque não, um novo texto¹⁸. (C&I, 14-15)

* * *

Expostas as suas grandes teses, Said dedica-se a partir de então a “*expor brevemente*” o que pensa, “*recorrendo a dois grandes romances muito conhecidos*”. O primeiro será *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens, publicado em 1861, que “*é basicamente um romance sobre a auto-ilusão, sobre as vãs tentativas de Pip se tornar um cavalheiro sem o árduo esforço ou a aristocrática fonte de renda necessários para tal papel*”. Na trama, tal como resenhada por Said, é central a relação entre Pip e Abel Magwith, um condenado que é deportado para a Austrália e tem a sua identidade definida para sempre por esse evento. A leitura de Said procura se distanciar da maioria das outras interpretações, as quais, segundo ele, apenas situam a obra “*totalmente dentro da história metropolitana da ficção inglesa*” - deixando de executar justamente o passo que ele, Said, crê ser mais importante, que é o de pensar a história ali contada sob as referências da dominação inglesa sobre a Austrália e, em termos mais gerais, sob as marcas das relações “*entre a Inglaterra e seus territórios ultramarinos*”. Ora, conforme lembra Said, a Austrália foi pensada desde o final do século XVIII, pela Inglaterra, como o lugar para onde se pudesse “*deportar um excedente populacional indesejado e irreprimível de criminosos*”, e a partir do qual se pudesse, por outro lado, substituir aquelas colônias “*que haviam sido perdidas na América*”. A Austrália moderna nasceu, assim, como um lugar de vidas que excediam o suportável na Inglaterra, mas também como um lugar de onde deveria se obter algum lucro. Seria na Austrália que um homem livre, abandonado à própria sorte, poderia prosperar, ainda que a sociedade inglesa criasse regras para essas trajetórias. Magwith, por exemplo, era alguém que precisava estar na Austrália para se redimir - se voltasse à Inglaterra, mesmo rico, não conseguiria uma inserção respeitável na sociedade, marcado que era pela sua identidade de antigo degredado¹⁹.

Said coloca, ao lado de *Grandes Esperanças*, o livro de Paul Carter intitulado *A estrada para Botany Bay*, no qual “*exploradores, degredados, etnógrafos, aventureiros em busca de lucro, soldados mapeiam o vasto continente relativamente vazio, cada qual num discurso que afasta, desloca ou incorpora os outros*”. Carter teria composto uma trama, diz Said, que se apresenta como “*um discurso iluminista de viagem e descoberta*”, ao qual se alia “*um conjunto de viajantes que escrevem suas narrativas (inclusive Cook), cujas palavras, mapas e intenções reúnem os territórios estranhos e os convertem gradualmente num ‘lar’*”. Em tal obra, a Austrália aparece dividida em duas: as cidades organizadas de forma racional são cercadas pela mata em desordem. Nesse cenário desenvolveu-se uma sociedade em que os cavalheiros

¹⁸ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 14-15.

¹⁹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 15-16.

tinham o seu paraíso, tanto quanto os trabalhadores. Para Said, o que se dá, aí, em meio a essa fabulação específica acerca da Austrália, é a autorização, pela Inglaterra, do espaço de sua colônia, o qual é transitivo, no sentido de que depende das formas oriundas da metrópole para ter legitimidade, para entrar na linguagem. Carter teria, diz Said, incorporado vozes outras, na sua tentativa de narrar a Austrália, num movimento que não teria sido o de Dickens. Este último não esboçou nenhuma “preocupação pelos relatos australianos nativos”, nem tampouco “supunha ou prenunciava uma tradição literária australiana”. Quando Magwith não consegue voltar para a Inglaterra, ele apenas cristaliza em sua trajetória uma determinação que é própria do Império: “os súditos podem ser levados a lugares como a Austrália, mas não se permite que ‘voltem’ ao espaço metropolitano”. A metrópole é dos seus personagens naturais, não dos que transgridem e transitam²⁰.

Como se vê, Said analisa a trama de Dickens, contrapondo-a a de outras elaborações narrativas, num esforço de demonstrar que as escolhas efetuadas na composição das histórias têm implicações, na medida em que dão forma a visões de mundo, as quais atravessam a escrita e lhe sustentam e lhe dão sentido. Imaginar, como faz Said, que o texto de Carter, e outros, “se estendem sobre a presença relativamente atenuada da Austrália na literatura britânica oitocentista, exprimindo a plenitude e a identidade conquistada de uma história australiana que se tornou independente da história britânica no século XX”, mas que o texto de Dickens silencia acerca disso, centrando-se numa imagética que só vê a partir de Londres, implica em pensar que ali há dois modelos possíveis de tematização do diálogo entre o mundo do império e as áreas por ele dominadas. Said amplia as repercussões dessa sua análise ao ressaltar que a redenção de Pip se dá, também em meio à sua transformação, mas não em um “cavalheiro ocioso”, mas, sim, em um “ativo negociante no Oriente, onde as outras colônias inglesas oferecem uma espécie de normalidade que a Austrália nunca poderia oferecer”. Quando Pip se volta para o Oriente, há um deslocamento na narrativa que Said pontua como o surgimento de “uma outra estrutura de atitudes e referência para sugerir o intercâmbio imperial da Inglaterra por meio do comércio e das viagens no Oriente”. O negociante Pip se perde entre tantos outros como ele, visto que, na visão de Said, “quase todos os negociantes, os parentes instáveis e os forasteiros atemorizantes de Dickens mantêm uma ligação bastante normal e segura com o império”. No entanto, e essa é uma colocação preciosa para Said, nem sempre essa ligação foi tornada visível pela crítica. Apenas com a emergência de uma “nova geração de críticos e estudiosos - filhos da descolonização em alguns casos, beneficiários (como minorias sexuais, religiosas e raciais) de avanços nos direitos humanos em seus países” é que se tem conseguido realçar em textos literários daquela espécie sinais de que ali se pode pensar o que “era considerado um mundo inferior, povoado com gente inferior, de cor, apresentado como se estivesse aberto à intervenção de outros tantos Robinson Crusoe”²¹.

Deixando Dickens um pouco, Said chega ao final do século XIX, quando “o império já não é apenas uma presença nebulosa, nem se encarna na figura indesejada

²⁰ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 16-17.

²¹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 16-17.

do criminoso fugitivo, mas passa a ser uma área central de interesse nas obras de autores como Conrad, Kipling, Gide e Loti”. E Said vai se deter justamente na obra de Conrad, em especial no livro *Nostromo*, de 1904, que é ambientado num país da América Central (o que diferencia esse livro dos anteriores do autor, cuja história se passava nas colônias africanas ou orientais), país esse que é objeto de cobiça pelas suas reservas de prata. Como destaca Said, há uma certa presciência em *Nostromo*, no sentido de que Conrad “*antevê a incontrolável insatisfação e os ‘desmandos’ das repúblicas latino-americanas (governá-las, diz ele citando Bolívar, é como arar o oceano), e assinala a maneira própria da América do Norte de influenciar as circunstâncias de forma decisiva, ainda que quase imperceptível*”. Num personagem, o financista Holroyd, Said vê cristalizada uma grande fração da retórica de que o governo norte-americano se vale, desde o fim da Guerra Fria (conforme diz Said, ela é marcada por “*seus auto-elogios desbragados, seu franco triunfalismo, suas solenes declarações de responsabilidade*”), para legitimar a supremacia norte-americana. E, o que parece ser mais instigante na análise de Said, ele vê, na construção do personagem Holroyd, o acionamento de imagens e modos de narrar o mundo e as identidades nacionais e individuais que compõem uma “*estrutura de sentimentos*”, à qual “*nenhum americano ficou imune*”. Essa retórica, que parece ser opaca à crítica tradicional, é ainda mais danosa porque já foi “*usada antes, não apenas antigamente (pela Espanha e Portugal), mas, com uma freqüência ensurdecedoramente repetitiva no período moderno, por ingleses, franceses, belgas, japoneses, russos e, agora, americanos*”²².

Não basta, entretanto, diz Said, “ler a grande obra de Conrad simplesmente como uma previsão bem antecipada do que vemos ocorrer na América Latina do século XX”. O que é mais importante, e certamente mais rico, é tentar acompanhar o impacto da narrativa de Conrad em outras narrativas (e Said cita as “concepções ocidentais do Terceiro Mundo” que podem ser encontradas em Graham Greene, V. S. Naipaul, Robert Stone, Hanna Arendt, “*autores de relatos de viagem, cineastas e polemistas*”, que apresentam “*o mundo não europeu aos públicos europeu e norte-americano*”, para análise, julgamento ou fruição estética do diferente), e colocar em questão o que constitui a narrativa de Conrad. Na leitura de Said, Conrad deu forma a uma versão irônica do imperialismo, mas de uma forma tal que a visão ocidental do autor “*está tão arraigada a ponto de cegá-lo para outras histórias, outras culturas e outras aspirações*”. O texto que Conrad dá a ler é a narrativa de um mundo “*totalmente dominado pelo Ocidente atlântico, onde toda oposição ao Ocidente apenas confirma o poder iníquo do Ocidente*”. É como se não houvesse saída, como se as áreas dominadas o fossem de forma radical e irrecorrível²³.

“Ele não podia entender que a Índia, África e América do Sul também possuíam vidas e culturas com identidades não totalmente controladas pelos reformadores e imperialistas gringos deste mundo, nem se permitir acreditar que nem todos os movimentos antiimperialistas de

²² SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 17-18.

²³ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 18-19.

*independência eram corruptos e marionetes a soldo dos senhores de Londres ou Washington.”*²⁴

Nesse ponto, para Said, está algo que é parte constitutiva de *Nostromo*, na mesma medida em que sua trama e seus personagens: trata-se da impossibilidade de Conrad de ver para além dos seus enquadramentos, ou, para dizer em outras palavras, Conrad ali expressa com a sua própria narrativa a dominação e a condescendência do império, que ele ironiza na sua história. *Nostromo* ilustra, assim, de duas formas, pela sua trama e pela intensidade de sentimentos que lhe sustenta, a dominação ocidental - e o seu contraponto, qual seja, a deslegitimação dos modos de ser dos povos submetidos.

Said tece assim a figura de um Conrad que é, ao mesmo tempo, imperialista e antiimperialista; Conrad é, também ele, personagem de uma narrativa que o ultrapassa e da qual ele emerge como autor, e isso o faz simultaneamente progressista ao denunciar os males do império e reacionário quando desacredita da capacidade dos povos dominados gerarem sua própria cultura, sua própria história. No seu movimento de ir ao passado e vir ao presente, e vice-versa, Said busca em falas e ações de “*muitos políticos e intelectuais ocidentais*” de hoje, nas quais as idéias de Conrad parecem ainda fazer eco. E isso serve a Said para criticar, por exemplo, as pretensões imperialistas em fazer dos países dominados democracias - o que é visto como algo impossível, o que aliás Conrad havia imaginado, na medida em que os projetos de imposição dos modelos ocidentais pecam desde a sua base “*porque envolvem os planejadores em mais ilusões de onipotência e enganosa satisfação consigo próprios (como no Vietnam), e porque, devido à sua própria natureza, falsificam as evidências*”²⁵.

Com tudo isso, Said crê ter fornecido ao seu leitor uma chave de leitura para *Nostromo*, a qual teria o mérito de fazer atentar para os “*seus grandes pontos fortes e suas limitações intrínsecas*”. *Nostromo* teria assim o papel de enunciar o caráter de sistema do imperialismo - no sentido de que relata a sua existência enquanto uma lógica que pressupõe a dominação e a submissão, ambas interdependentes uma em relação à outra. Com isso, aquele livro permitiu a elaboração de uma série de outras narrativas acerca do imperialismo, ou de algumas de suas facetas, nas quais fica patente que os dominados que mantêm relações ingênuas com a dominação são as brechas pelas quais se estabelecem “*a matança, a subversão e a interminável instabilidade política das sociedades ‘primitivas’*”. Said alerta, ainda, que em nenhuma das obras que ressoam essas tensões inicialmente colocadas em cena por Conrad são encontradas versões do imperialismo que retirem do Ocidente “*a fonte da ação e da vida significativa*”; ao contrário, todas elas silenciam acerca da multiplicidade, da inventividade e da legitimidade das práticas culturais das zonas dominadas, apenas dando-lhes visibilidade quando elas são corruptas ou degeneradas, ou mesmo irremediáveis²⁶.

²⁴ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 19.

²⁵ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 19-20.

²⁶ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 20-21.

O problema que decorre disso, aponta Said, é que Conrad não é nosso contemporâneo: ele escreveu “durante um período de entusiasmo imperialista europeu largamente incontestado”, o que não se dá com os escritores e cineastas do presente, os quais “fizeram suas obras depois da descolonização, depois da revisão e da desconstrução da representação ocidental do mundo não ocidental”, em suma, depois de séries de autores que alargaram e problematizaram o campo das relações entre os povos. Assim, insiste Said, as narrativas de Conrad pelo menos poderiam alegar em seu favor que estavam dialogando com uma base empírica mais visível, enquanto que os autores contemporâneos, que repercutem aquela lógica, apenas estão demonstrando a sua incapacidade de “levar a sério as alternativas ao imperialismo, entre elas a existência de outras culturas e sociedades”. Há quem consiga ultrapassar esses limites, mas em geral persistem as idéias de que a narrativa de Conrad é fiel à realidade, ou que a literatura produzida no final do século XIX e no começo do século XX, e que expressava nas suas narrativas a lógica imperialista, são duradouras porque sua lógica é perene. Said crê que não há desculpas para nenhuma dessas posições, na atualidade, justamente porque perdemos a inocência e não mais pensamos o mundo a não ser como um campo instável de jogos de poder e de interesse. No presente, diz Said, só é possível ter-se uma postura permanentemente crítica sobre o que se diz, ou que se faz, visto que se sabe que qualquer ação e qualquer pronúncia trazem em si, no seu ato mesmo, uma capacidade de significação que não é neutra nem passível de uma simples leitura binária (do tipo mal versus bem). O que está em jogo, no presente, é a nossa disposição em legitimar a multiplicidade, em firmar compromissos com a enunciação e com a experiência de tantas formas de organização social, de tradição e de histórias quanto seja possível, ou desejável, pelos grupos humanos²⁷.

* * *

Não vivemos mais no mundo em que Conrad e Dickens escreveram suas obras, e talvez a maior mudança esteja ligada à convivência presente, nos mesmos espaços, de populações heterogêneas, que desejam falar e ser ouvidas, mesmo no interior dos grandes centros urbanos ocidentais. E disso, diz Said, decorre a tese mesma do seu livro, que é a se que

*“essas populações e vozes já estão aqui faz algum tempo, graças ao processo globalizado desencadeado pelo imperialismo moderno; ignorar ou minimizar a experiência sobreposta de ocidentais e orientais, a interdependência de terrenos culturais onde colonizador e colonizado coexistiram e combateram um ao outro por meio de projeções, assim como de geografias, narrativas e histórias rivais, é perder de vista o que há de essencial no mundo dos últimos cem anos.”*²⁸

²⁷ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 21.

²⁸ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 22.

O cenário dos estudos sobre tais questões, no presente, diz Said, é marcado pela possibilidade de se estudar “a história e a cultura do imperialismo” de forma “não monolítica, descompartmentalizada, sem separações ou distinções reducionistas”, o que é novo. Não se pode esquecer “que tem havido uma irrupção desconcertante de discursos separatistas e chauvinistas” em diversos lugares, mas “essas reduções do discurso cultural na verdade comprovam a validade de uma energia liberacionista fundamental que anima o desejo de ser independente, de falar livremente e sem o peso da dominação injusta”. Para entender enfim o que se dá, é preciso recorrer à história – o que ele tenta fazer no livro –, pois só assim é possível dar conta da multiplicidade de formas culturais existentes, e ponderar as lutas pelo direito à própria voz²⁹.

Falando como palestino, Said alerta que o senso histórico implica em

*“ler o próprio lado, por assim dizer, mas também entender de que modo um grande artista como Kipling (poucos foram mais imperialistas e reacionários do que ele) apresentou a Índia com tamanha habilidade, e como, ao fazer isso, seu romance Kim não só derivava de uma longa história da perspectiva anglo-indiana, mas também, à sua revelia, anunciava que essa perspectiva era insustentável, na medida em que insistia na crença de que a realidade indiana demandava, e até suplicava, uma tutela britânica por tempo mais ou menos indeterminado.”*³⁰

Essa tensão subterrânea, que se manifestava não apenas nas escolhas que organizavam, em cada narrativa, o perfil ou o destino de cada personagem, mas, principalmente, na concepção mesma das obras, via o ocidente como o lugar que atribuía sentido ao oriente, dado que a este último só seria possível uma existência subordinada. Uma dimensão do imperialismo que é realçada por Said diz respeito aos laços entre as diversas experiências sociais e culturais que foram tecidos pela conquista européia de vastas áreas do globo – e ele insiste em pensar que os subordinados e os colonizadores viveram essa história juntos, construindo, mesmo sob regras hierárquicas desfavoráveis aos não europeus, “algo partilhado em comum”. Sob esse prisma, diz Said, é fundamental portanto tentar examinar o imperialismo pelas suas formas culturais concretas, explorando-as no entanto sempre num movimento que valorize sua historicidade³¹.

E, justamente no seguimento dessa argumentação, Said enuncia o que ele chama de seu método, o qual consiste em “enfocar ao máximo possível algumas obras individuais, lê-las inicialmente como grandes frutos da imaginação criativa ou interpretativa, e depois mostrá-las como parte da relação entre cultura e império”. A sua posição é a de que os escritores não são pensados como “mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica”, mas, sim, como personagens que existem “moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus”. Assim, o que ele chama de cultura, bem

²⁹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 22.

³⁰ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 22-23.

³¹ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 22-23.

como as formas estéticas que nela são possíveis, serão relacionadas, na análise, à experiência histórica em que se dão, numa forma de se pensar a história em que o termo mais importante é o da relação. Serão praticadas escolhas, aí, como se pode imaginar: sempre há mais textos do que pode suportar um esforço analítico; algo sempre vaza para além do que é adequado cumprir quando de um estudo. Said alerta para obras que não foram trabalhadas por ele (e levanta um dado interessante: a proliferação de romances na França e na Inglaterra está ligada, a seu ver, ao papel desses países no imperialismo; como narrar é fundamental para o império, não é estranho que aqueles países “*tenham uma tradição ininterrupta de romances, sem paralelo no mundo*”), bem como para vários impérios que não foram discutidos; no entanto, diz ele, o conjunto das omissões não deve fazer entender que outras relações de domínio não tenham sido, ao seu modo, perniciosas. Apenas ele quis ressaltar a coerência e a importância cultural de uma relação singular de dominação, a qual sem dúvidas se sobressai pelos seus grandes impactos na história de vários povos, quer pela sua duração temporal, quer pelo seu alastramento pelo globo³².

A atenção mais detida aos impulsos imperialistas da Inglaterra, da França e dos EUA se sustenta, na argumentação de Said, por mais razões. A primeira delas diz respeito ao estatuto privilegiado que a noção de domínio ultramarino tem na dinâmica cultural daqueles três nações, sendo ela “*uma presença contínua*” nas suas expressões culturais, é algo sistemático, uma rede de “*atitudes e referências*” perceptível. Além disso, Said diz sentir-se como alguém que, “*oriundo do mundo árabe e muçulmano*”, viveu sempre na órbita de alguma daquelas nações; isso lhe permitiu, “*em certo sentido, viver nos dois lados e tentar intermediá-los*”. Foi a partir da consideração disso que foi possível o estudo entre cultura e imperialismo, “*um livro sobre o passado e o presente, sobre ‘nós’ e ‘eles’, e como todas essas coisas são vistas pelos vários partidos, em geral opostos e separados*”³³.

* * *

Said escreveu num mundo pós-Guerra Fria, e isso é para ele uma indicação a considerar, ainda mais do seu ponto de vista, freqüentemente destacado, que era o de “*um professor e intelectual com raízes no mundo árabe*”. Isso lhe fazia portador de “*uma série de preocupações muito particulares*”, as quais acabavam por repercutir nos seus textos. A primeira delas dizia respeito à “*sensação deprimente de que já vimos antes as atuais formulações da política americana*”, visto que sua lógica parece ecoar aquilo que outros impérios já disseram e fizeram ao mundo. As idéias de um apelo à nacionalidade, de hierarquia entre os povos, de que os norte-americanos têm o direito de intervir - quase sempre violentamente - sobre outros povos, para dar-lhes mais uma vez a direção certa, a idéia de que a ação americana é diferente (para melhor) das que já foram praticadas, anteriormente,

³² SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 23-24.

³³ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 24-25.

tudo isso parece uma atualização perigosa de algo já vivido. E, o pior, para Said, é o fato de que essa atualização tem tido “a colaboração surpreendente, mesmo que muitas vezes passiva, de intelectuais, artistas e jornalistas cujas posições no plano interno são progressistas e cheias de sentimentos louváveis, mas que viram o oposto quando se trata do que é feito no estrangeiro em nome deles”. Ao mesmo tempo crítico e esperançoso, Said crê que contar a história das aventuras imperiais pode dissuadir os homens do desejo de reproduzir essa lógica. Para ele, portanto, o pensamento tem o papel ético de contar de forma problematizadora o vivido, deslocando as perspectivas dos homens do presente, fazendo-os pensar na história como um campo tenso, em que a dominação e a resistência coexistem, uma atuando por sobre e por entre a outra. Ele quer, além disso, demonstrar que não há uma história melhor, uma trajetória mais digna, entre os dominadores ou entre os colonizados; há, apenas, a história que os homens conseguiram fazer e escrever, e cumpre sabê-la e pensá-la, para que a humanidade veja a si mesma nos seus limites, e não idealizando-se. No mínimo, isso serve para evitar salvacionismos, visões binárias do mundo, nas quais sempre há vilões e mocinhos, como se, por exemplo, entre o imperialismo ocidental e o nacionalismo terceiro-mundista não houvesse convergências ou possibilidades alternativas aos seus modelos totais. O que importa para Said é demonstrar o caráter histórico da realidade, ou seja, demonstrar que aquilo que chamamos de real é uma construção não linear e não monolítica das ações dos homens³⁴.

“Contudo”, diz Said, “a história é sombria e amiúde desalentadora”. E é preciso, para combater isso, lançar luzes sobre uma série de novas possibilidades de problematização disso a que nos acostumamos a chamar de oriente, em especial os estudos que enfatizam o olhar da mulher, que realçam a multiplicidade que se procura silenciar ora sob os enunciados do orientalismo, ora sob as marcas do nacionalismo árabe. É preciso, diz Said, abrir espaços para narrativas que se afastem dos modelos binários que opõem, simplesmente, imperialismo a nacionalismo, como se cada palavra dessas não escondesse horizontes plurais. Em suma, o que importa deslocar é a noção de identidade, a partir da qual há quinhentos anos se dão as relações entre os povos. Deveríamos abolir essa herança, abrir mão desse estilo de narrar o mundo e nós mesmos, fragmentando essa “tradição supostamente contínua” a que nos amarramos. Said propõe assim o estabelecimento de diálogos, de trocas entre experiências culturais, de sorte que a identidade seja ultrapassada e outras formas de constituição do eu e das sociedades possam ser pensadas. Afinal, cada grupo se vê como homogêneo apenas porque esconde de si próprio os mecanismos nem sempre pacíficos pelos quais essa homogeneidade foi construída. Ora, em grande medida “devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo”. Isso não quer dizer que as nações, por exemplo, não tenham graus de coesão maiores ou menores; quer dizer, apenas, que o seu estudo precisa considerar, com a necessária sensibilidade, a diversidade que somos, todos. Parece a Said muito mais interessante, nesse sentido, uma narrativa que dê conta dessa variedade,

³⁴ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 25-26.

dessa inventividade incansável, do que outra, que apenas demarque pontos fixos, e impeça o nomadismo dos seus personagens e leitores³⁵.

Por fim, diz Said, o seu texto “*é o livro de um exilado*”. Levado pela sua própria história, sobre a qual não exerceu controle, ele cresceu “como árabe com educação ocidental.” Isso lhe marcou, tornando-lhe alguém que é de dois mundos, um dos quais praticamente desapareceu durante o século XX. Sua trajetória, assim, foi a do deslocamento inclusive em relação aos elementos mais primários de sua socialização. Isso não o tornou outra coisa, diz ele, a não ser alguém que pôde construir entendimentos mais ampliados acerca dos “*dois lados da divisa imperial*”. Esse lugar de entremeio tem suas vantagens, e cria possibilidades. É que pensa, quando diz, dando um fecho a seu texto:

*“Talvez tudo isso tenha estimulado os interesses e interpretações aqui propostos, mas essas circunstâncias certamente me permitiram sentir como se pertencesse a mais de uma história e a mais de um grupo. Agora, cabe ao leitor decidir se é possível considerar tal condição como uma alternativa de fato salutar à sensação normal de pertença a uma única cultura e de lealdade a uma única região.”*³⁶

* * *

Said abriu com seu estudo várias possibilidades para o ofício do historiador. Não bastasse ter problematizado as relações entre oriente e ocidente, pela própria consideração de ambos os pólos dessa relação como tramas históricas, Said deu aos seus leitores várias lições metodológicas e éticas³⁷.

Enlaçar política e cultura; recolocar as questões do imperialismo; desconfiar de hierarquias entre as fontes; pensar a própria narrativa como elemento significativo; discutir os vínculos entre a dominação e a produção específica de certos textos; pensar o real como invenção da história, e não como seu a priori; fazer do presente a ontologia do pensável; desnaturalizar o geográfico; inserir-se no movimento do próprio pensar: seriam infinitas as contribuições de Said ao pensamento social,

³⁵ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 27-28.

³⁶ SAID, *Cultura e imperialismo*, p. 29.

³⁷ A bibliografia de Said em português é ampla, e também há à disposição do leitor interessado alguns textos sobre aquele pensador. A princípio, podem ser citados: BURKE, Peter. O humanista de vida dupla. *Folha de S. Paulo*, 30 nov. 2003, e PERRONE-MOISÉS, Leyla. Edward Said, um intelectual fora do lugar. *Folha de S. Paulo*, 29 jun. 2003. Ambos os textos (e muitos mais) estão disponíveis no arquivo eletrônico da Folha de S. Paulo, acessível a partir do endereço www1.folha.uol.com.br/fsp/arquivo.htm. Há, também, textos interessantes em: www.rebellion.org/said.htm; www.oroeco.cc/Inicio/arab/said.htm; www.edwardsaid.org/modules/news/; www.mundoarabe.org/edward_said_articulos.htm, entre outros sítios. As memórias de Said também merecem ser citadas, porque além de chegar às nossas mãos sob a forma de um texto agradável e instrutivo, oferecem instigantes chaves de leitura para as suas obras: SAID, Edward W. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ou os caminhos trilhados por ele de forma surpreendente, mesmo quando já experimentados por outros autores.

Além disso, merece ser destacado o seu compromisso ético e político para com a luta em prol de um mundo mais justo e menos desigual - um compromisso que não se baseia em crenças totalitárias, no silenciamento do outro, mas, sim, que se faz a partir de uma crença profunda no direito ao heterogêneo, no direito à vida. É difícil pensar em um interlocutor tão oportuno para a história e para os historiadores, nos dias que vivemos, em que o império parece não ter fim, e em que a violência e a intolerância parecem ter se naturalizado.

RESUMO

Este artigo reúne algumas rápidas considerações acerca de possibilidades abertas por Edward Said (1935-2003) para o trabalho do historiador.

Palavras-Chave: Teoria da História; Edward Said; História e Literatura.

ABSTRACT

This work brings some brief considerations are gathered concerning possibilities opened by Edward Said (1935-2003) for the historian's work.

Keywords: History Theory; Edward Said; History and Literature.